



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CAMPUS III “OSMAR DE AQUINO”
CENTRO DE HUMANIDADES
DEPARTAMENTO DE LETRAS
CURSO DE LETRAS – PORTUGUÊS**

MARIA CRISTINA DE LIMA

**GÊNERO *STICKERS*: UMA ANÁLISE SOCIOLINGUÍSTICA DO GÊNERO
DIGITAL NA COMUNICAÇÃO EM REDES SOCIAIS**

**GUARABIRA
2022**

MARIA CRISTINA DE LIMA

**GÊNERO *STICKERS*: UMA ANÁLISE SOCIOLINGUÍSTICA DO GÊNERO
DIGITAL NA COMUNICAÇÃO EM REDES SOCIAIS**

Trabalho de Conclusão de Curso (Monografia)
apresentado ao Departamento do Curso de
Letras da Universidade Estadual da Paraíba,
como requisito parcial à obtenção do título de
Graduado em Letras.

Área de concentração: Sociolinguística

Orientador: Profa. Dra. Luana Anastácia Santos de Lima

**GUARABIRA
2022**

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

L732g Lima, Maria Cristina de.
Gênero *Stickers* [manuscrito] : uma análise sociolinguística do gênero digital na comunicação em redes sociais / Maria Cristina de Lima. - 2022.
47 p. : il. colorido.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras Português) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Humanidades, 2022.

"Orientação : Profa. Dra. Luana Anastácia Santos de Lima, Coordenação do Curso de Letras - CH."

1. Sociolinguística. 2. Gênero digital. 3. Escrita. I. Título

21. ed. CDD 401.41

MARIA CRISTINA DE LIMA

**GÊNERO *STICKERS*: UMA ANÁLISE SOCIOLINGUÍSTICA DO GÊNERO
DIGITAL NA COMUNICAÇÃO EM REDES SOCIAIS**

Trabalho de Conclusão de Curso (Monografia)
apresentado ao Departamento do Curso de
Letras da Universidade Estadual da Paraíba,
como requisito parcial à obtenção do título de
Graduado em Letras.

Área de concentração: Sociolinguística

Aprovada em: 31/03/2022.

BANCA EXAMINADORA

Luana Anastácia Santos de Lima

Profa. Dra. Luana Anastácia Santos de Lima (Orientadora)
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

André Luiz Souza da Silva

Prof. Me. André Luiz Souza da Silva (Examinador)
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

Leônidas José da Silva Júnior

Prof. Dr. Leônidas José da Silva Júnior (Examinador)
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

À minha mãe, pelos ensinamentos diários,
princípios e empenho, DEDICO.

“O real estado da língua é o das águas de um rio, que nunca param de correr e de se agitar”

- Marcos Bagno (2007, p. 36)

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 –	Exemplo de imagético e oral.....	28
Figura 2 –	<i>Sticker</i> 01 - Incrível.....	35
Figura 3 –	<i>Sticker</i> 02 - Estranho.....	37
Figura 4 –	<i>Sticker</i> 03 - Glória.....	39
Figura 5 –	<i>Sticker</i> 04 - Bichão.....	40
Figura 6 –	<i>Sticker</i> 05 - Basculho.....	42

LISTA DE TABELAS

Quadro 1 – Características diferentes entre fala e escrita.....	18
Quadro 2 – Fala e escrita no contínuo dos gêneros textuais.....	19
Quadro 3 – Quadro definição de tipo e gênero textual.....	24

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	11
2	A SOCIOLINGUÍSTICA: PAPEL SOCIAL E A RELAÇÃO ENTRE LÍNGUA FALADA E ESCRITA.....	14
2.1	A importância da abordagem sociolinguística no campo educacional.....	20
3	A COMUNICAÇÃO SOCIAL: VARIAÇÃO LINGUÍSTICA NOS GÊNEROS TEXTUAIS/DISCURSIVOS.....	23
3.1	Do oral para o escrito: a manifestação sociolinguística no gênero digital.....	26
3.2	A influência do letramento digital na formação dos indivíduos.....	30
4	METODOLOGIA	33
5	ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS.....	35
6	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	43
	REFERÊNCIAS.....	45

GÊNERO *STICKERS*: UMA ANÁLISE SOCIOLINGUÍSTICA DO GÊNERO DIGITAL NA COMUNICAÇÃO EM REDES SOCIAIS

Maria Cristina de Lima*

RESUMO

A presença de manifestações sociolinguísticas na forma falada é comum e evidencia o aspecto social da língua. Dentre os fenômenos, a sociolinguística pode revelar as características próprias de um sujeito ou de uma comunidade. Na forma escrita, estas manifestações, dependendo do ambiente e do contexto, podem evidenciar os mesmos fatores da oralidade: características próprias, mesmo que não seja possível (re)produzir plenamente, pois são modalidades diferentes do uso da língua. A presente monografia tem a finalidade de analisar as marcas sociolinguísticas da oralidade, oriundas de contextos reais, nas produções escritas do gênero digital, do *WhatsApp*, *sticker*. Para tanto, trabalhamos ancorados na metodologia de cunho qualitativo, e também possuímos o caráter interpretativo e descritivo para a análise do gênero em estudo. Para fundamentar este estudo acerca da sociolinguística utilizamos autores como: Bagno (2007), Cezario e Votre (2011), Labov (2008), Ilari e Basso (2009); sobre os estudos da corrente sociolinguística na educação: Bortoni-Ricardo (2004), Faraco (2008); referente aos gêneros textuais/discursivos: Marcuschi (2010, 2008), Bakhtin (2003); Souza (2001), Xavier (2005) a respeito da relação entre escrita e oralidade; Coscarelli (2008), Welter & Gubert (2020) no que diz respeito aos letramentos. Neste cenário, constatamos que os internautas criadores dos *stickers* analisados buscaram aproximar a língua escrita da língua oral, e a partir disso evidenciaram manifestações sociolinguísticas no nível escrito da língua.

Palavras-chave: Sociolinguística. Gênero digital. Escrita.

* Graduada do curso Letras Português da Universidade Estadual da Paraíba – Campus III. (lima.mariachris@gmail.com).

ABSTRACT

The presence of sociolinguistic manifestations in the spoken form is common and evidences the social aspect of the language. Among the phenomena, sociolinguistics can reveal characteristics of a subject or a community. The written form, these manifestations, promote the environment and the context, can produce the same factors of orality: their own characteristics, even if they are not fully possible, as they are different modalities of the use of oral language. This monograph aims to analyze the sociolinguistic marks of orality, arising from real contexts, in written productions of the digital genre, WhatsApp, sticker. For that, also analysis of characters anchored in the quality of study. To base this study on sociolinguistics, we used authors such as: Bagno (2007), Cezario and Votre (2011), Labov (2008), Ilari and Basso (2009); on studies of the sociolinguistic current in education: Bortoni-Ricardo (2004), Faraco (2008); Regarding textual/discursive genres: Marcuschi (2010, 2008), Bakhtin (2003); Souza (2001), Xavier (2005) about the relationship between writing and orality; Coscarelli (2008), Welter & Gubert (2020) with regard to literacies. In this scenario, we found that the internet users who created the oral language stickers sought to bring the written language closer, and from that, the sociolinguistic manifestations at the level of the language evidence.

Keywords: Sociolinguistics. Digital genre. Writing.

1 INTRODUÇÃO

Os meios de comunicação ganharam bastante abrangência após as evoluções tecnológicas que aconteceram nos últimos tempos. A internet é um espaço que apresenta tantas inovações e tantas ferramentas que até mesmo os gêneros precisaram ganhar novas formas, precisaram se adaptar, evoluir para dar conta das possibilidades comunicativas que a internet promove.

Acontece que tanto fenômeno em um só lugar não poderia ser despercebido pelos estudiosos e pesquisadores, as ocorrências que acontecem nele geram a curiosidade fazendo com que várias investigações sejam traçadas tendo a internet como um local favorável. Tanta comunicação, utilização de visual e auditivo simultaneamente, imagens, jogos, vídeos, páginas de acesso, gera interesse.

Além disso, na internet encontramos causas sociais, discussões acerca de assuntos diversos, a possibilidade de se tornar conhecido, opinar, aconselhar, convencer, compartilhar emoções, locais, contratar serviços, enfim, há uma infinidade de práticas que podem ser exercidas apenas estando em frente a um equipamento digital com acesso à internet. Aqui, destacamos um elemento específico, aquele que é a base deste estudo: o gênero digital *sticker* que é pertencente à rede social *WhatsApp*.

O gênero que estudamos é um gerador de comunicação que ganhou bastante popularidade entre os usuários do aplicativo *WhatsApp*. Listamos acima algumas possibilidades que o ambiente tecnológico permite, e o *sticker* não fica distante de alguns desses fatores, dentre eles podemos citar o compartilhamento de emoções, é uma vertente bastante usual através do gênero para que o ato de se comunicar através do celular alcance o propósito esperado.

Obviamente não é possível separar o compartilhamento de vivências do uso da língua. Assim, este gênero, dentre as variadas possibilidades, além de ser um gerador de comunicação, evidencia fenômenos da língua que é objeto de estudo de muitos intelectuais, uma manifestação que gera discussões e constitui apoiadores e opositores: os fenômenos sociolinguísticos, especificamente para este estudo, as manifestações na escrita.

O *sticker* está disponível para os usuários há um tempo. Ele não é uma ferramenta unicamente do *WhatsApp*, mas no Brasil, dentre os aplicativos de mensagens que há a disponibilidade dele, o *WhatsApp* é o mais popular. Por esse motivo, para este estudo utilizamos os do *WhatsApp*. Vale ressaltar que esta pesquisa, relacionando a sociolinguística e o *sticker* é inaugural, este fato exigiu uma estruturação de saberes diversificados.

Assim, nesta monografia, temos como objetivo geral de analisar as marcas sociolinguísticas¹ da oralidade, oriundas de contextos reais, nas produções escritas do gênero digital, do *WhatsApp*, *sticker*. Propomos esta investigação afim de compreender e evidenciar estas marcas de aproximação da fala. Para mais, como objetivos específicos, temos: a) identificar se e como aparecem, no gênero estudado, manifestações sociolinguísticas de eventos orais que viralizaram na internet; b) refletir sobre a influência destas manifestações sociolinguísticas no gênero *sticker*; c) analisar a relação entre contexto, oralização e adequação na escrita do gênero em questão.

Para atingir os objetivos pré-estabelecidos, tomamos a metodologia de cunho qualitativo que abrange três vertentes importantes: o ambiente, o processo e os atores sociais. Também acrescentamos que esta monografia possui o caráter interpretativo e descritivo por meio da utilização da sociolinguística. Assim, as análises serão realizadas a partir da seleção de cinco *stickers* que foram coletados, dentre os vários critérios que serão detalhados na metodologia, por conter manifestações sociolinguísticas.

Dessa forma, justificamos a pesquisa pela necessidade de verificar como manifestações sociolinguísticas de eventos orais aparecem no gênero *sticker*, e de identificar quais os recursos da escrita são utilizados pelos internautas criadores do gênero em estudo para gerar proximidade da língua falada. Buscamos, assim, verificar qual é o impacto do gênero digital *sticker* na comunicação em redes sociais a partir do uso de manifestações sociolinguísticas.

Acerca dos pressupostos teóricos, destacamos os estudos de Bagno (2007), Cezario e Votre (2011), Labov (2008), Ilari e Basso (2009) para as discussões sobre a sociolinguística e o social; Bortoni-Ricardo (2004), Faraco (2008) referente aos estudos da corrente sociolinguística na educação; Marcuschi (2010, 2008), Bakhtin (2003) no tocante aos gêneros textuais/discursivos; Souza (2001), Xavier (2005) a respeito da relação entre escrita e oralidade; Coscarelli (2008), Welter & Gubert (2020) no que diz respeito aos letramentos; Bortoni-Ricardo (2008) concernente à metodologia.

Esta monografia está disposto na seguinte ordem: Esta seção introdutória. Em seguida, explanamos acerca do fator social da sociolinguística, sobre a relação variacionista entre língua escrita e falada, e a respeito da importância desta corrente como objeto de estudo na sala de aula. Logo após, abordamos sobre os gêneros textuais/discursivos, a variação linguística nestes eventos de comunicação social, como também sobre os fenômenos sociolinguísticos no gênero

¹ A análise sociolinguística é de cunho semântico-lexical. Analisaremos, especialmente, o impacto que o significado da palavra causa na comunicação entre os interlocutores usuários do aplicativo *WhatsApp*. Assim, consideremos, também, o cunho interacional.

digital, inclusive no *sticker*, e veremos também, posteriormente, sobre como o letramento digital influencia a vida dos indivíduos. Depois, consideremos a metodologia. A seguir, a análise e discussões. Por último, apresentamos as considerações acerca da análise realizada nesta pesquisa e as referências.

2 A SOCIOLINGUÍSTICA: PAPEL SOCIAL E A RELAÇÃO ENTRE LÍNGUA FALADA E ESCRITA

A sociolinguística é um ramo de estudo da linguística que investiga a relação entre a língua e a sociedade porque acredita que a atividade de comunicação realizada pelos indivíduos tem mais do que a estrutura linguística, ou seja, acredita-se que a língua não é uma manifestação autônoma, há outros fatos que influenciam o sujeito a fazer a utilização dela de uma maneira específica e não de outra. Assim, Labov (2008, p. 13) afirma “resisti ao termo sociolinguística, já que ele implica que pode haver uma teoria ou prática linguística bem-sucedida que não é social”.

Podemos compreender, então, que não há como estudar a sociolinguística sem relacionar língua e sociedade porque a língua está presa aos sujeitos e aos fatos culturais e políticos que contornam esses indivíduos, isto é, diversos fatores implicam na utilização da linguagem e eles, conseqüentemente, geram variados fenômenos. Como afirma Bagno (2007, p. 38):

O objetivo central da Sociolinguística, como disciplina científica, é precisamente relacionar a heterogeneidade linguística com a heterogeneidade social. Língua e sociedade estão indissolúvelmente entrelaçadas, entremeadas, uma influenciando a outra, uma construindo a outra. Para o sociolinguísta, é impossível estudar a língua sem estudar, ao mesmo tempo a sociedade em que essa língua é falada, assim como também outros estudiosos já se convenceram que não dá para estudar a sociedade sem levar em conta as relações que os indivíduos e os grupos estabelecem entre si por meio da linguagem.

Assim, entendemos que a ideia de língua homogênea não é ponderada nesta ciência, pois se não existe sociedade homogênea e uma influencia a outra, não há como a linguagem ser uniforme, todo sujeito possui suas particularidades, toda comunidade possui as suas singularidades e estes aspectos influenciam diretamente nas produções linguísticas. Sendo assim, “a sociolinguística é uma área que estuda a língua em seu uso real” (CEZARIO & VOTRE, 2011, p. 141).

Para tanto, todas estas discussões acerca das produções comunicativas são esclarecidas quando compreendemos que “a língua é um fato social” (LABOV, 2008, p. 302) por ela conter características e manifestações diversas, como também por viabilizar as relações que os sujeitos estabelecem no ambiente em que estão inseridos.

Em seus postulados, Cezario & Votre (2011, p. 141) afirmam que “a sociolinguística parte do princípio de que a variação e a mudança são inerentes às línguas e que, por isso, devem sempre ser levadas em conta na análise linguística”, ou seja, é natural que no ato de

comunicação existam fenômenos de heterogeneidade, pois ela não é estanque, a língua passa por transformações. É, como Bagno (2007, p. 36) destaca:

Ao contrário da norma-padrão, que é tradicionalmente concebida como um produto homogêneo, como um jogo de armar em que todas as peças se encaixam perfeitamente umas nas outras, sem faltar nenhuma, a língua, na concepção dos sociolinguistas, é intrinsecamente heterogênea, múltipla, variável, instável e está sempre em desconstrução e em reconstrução.

Nesse sentido, a variação linguística, a possibilidade de ao menos duas formas diferentes de se dizer uma mesma coisa, é, de maneira simplificada, a compreensão de que a língua não é padronizada, não há uma estrutura finalizada, completa, onde todos os sujeitos irão utilizar de maneira exata, uníssona, porque na verdade, a língua é a junção de fenômenos estruturais e de fenômenos extralinguísticos, a qual está sempre em transformação, é mutável e passível de possibilidades variacionistas, ou seja, a língua é viva.

A esse respeito, Labov (2008) evidencia a variação como um fenômeno natural à língua e também essencial à linguagem humana e seu funcionamento. Compreendemos, então, que a mudança é necessária, uma vez que a língua se adequa às necessidades dos falantes, às necessidades comunicativas, acontecendo conforme cada contexto em que os indivíduos se encontram.

Partindo da ideia de que os fatos sociais pertencentes aos falantes, as suas individualidades, influenciam na ocorrência de variação linguística, isto é, os fatores extralinguísticos, também conhecidos como socioestruturais, Bagno (2007, p. 43-44), sinaliza alguns que merecem ser destacados:

ORIGEM GEOGRÁFICA: a língua varia de um lugar para o outro; assim, podemos investigar, por exemplo, a fala característica das diferentes regiões brasileiras; **STATUS SOCIOECONÔMICO:** as pessoas que têm um nível de renda muito baixo não falam do mesmo modo das que têm um nível de renda médio ou muito alto, e vice-versa; **GRAU DE ESCOLARIZAÇÃO:** o acesso maior ou menor à educação formal e, com ele, à cultura letrada, à prática da leitura e aos usos da escrita, é um fator muito importante na configuração dos usos linguísticos dos diferentes indivíduos; **IDADE:** os adolescentes não falam do mesmo modo como seus pais; **SEXO:** homens e mulheres fazem usos diferenciados dos recursos que a língua oferece; **MERCADO DE TRABALHO:** o vínculo da pessoa com determinadas profissões e ofícios incide na sua atividade linguística: uma advogada não usa os mesmos recursos linguísticos de um encanador; **REDES SOCIAS:** cada pessoa adota comportamentos semelhantes aos das pessoas com que convive em sua rede social; entre esses comportamentos está também o comportamento linguístico.

Para mais, também é importante ressaltar que os fatores funcionais, conhecidos como sociofuncionais, também influenciam no fenômeno da variação linguística, são os que “resultam da dinâmica das interações sociais” (BORTONI-RICARDO, 2004, p. 49), ou seja, refere-se ao contexto específico, sobre como a língua é utilizada em uma dada circunstância.

Por fim, podemos citar os fatores linguísticos-estruturais, os que são próprios da língua e que segundo Bortoni-Ricardo (2004, p. 49) “podem ser fonológicos, morfológicos, sintáticos, semânticos, pragmáticos e até discursivos”.

Bagno (2007, p. 40) afirma que “a variação não é aleatória, fortuita, caótica – muito pelo contrário, ela é estruturada, organizada, condicionada por diferentes fatores [...] nada na língua é por acaso”, isto significa que mesmo com a participação de diversos fenômenos na variação linguística, as possibilidades de se dizer a mesma coisa, mas de formas diferentes seguem uma arrumação lógica, os falantes não se expressam com produções desordenadas, desarranjadas. É importante evidenciar essa realidade porque, muitas das vezes, quando pensamos em variação, nossa primeira ideia é o caos linguístico, a ausência de uma norma, o erro.

Segundo Ilari & Basso (2009, p. 151), “a variação linguística é um fenômeno normal” e, além disso, “manifesta-se de várias formas”. A partir dessas afirmações, os autores propõem a seguinte classificação para tratar acerca dessas muitas formas: variação diacrônica, diatópica, diastrática e diamésica, no entanto, acrescentaremos mais uma classificação, a diafásica, ela é citada por Bagno (2007) como também participante desta categorização. Vejamos cada uma detalhadamente:

VARIAÇÃO DIATÓPICA: é aquela que se verifica na comparação entre os modos de falar de lugares diferentes, como as grandes regiões, os estados, as zonas rural e urbana, as áreas socialmente demarcadas nas grandes cidades etc; VARIAÇÃO DIASTRÁTICA: é a que se verifica na comparação entre com modos de falar das diferentes classes sociais; VARIAÇÃO DIAMÉSICA: é a que se verifica na comparação entre a língua falada e a língua escrita. Na análise dessa variação é fundamental o conceito de gênero textual; VARIAÇÃO DIAFÁSICA: é a variação estilística que vimos mais acima, isto é, o uso diferenciado que cada indivíduo faz da língua de acordo com o grau de monitoramento que ele confere ao seu comportamento verbal; VARIAÇÃO DIACRÔNICA: é a que se verifica na comparação entre diferentes etapas da história de uma língua (BAGNO, 2007, p. 46-47).

Para este estudo, destacamos como fundamental o entendimento, mesmo que as variações citadas “não são características que possam ser aplicadas em separado a alguns textos e não a outros” (ILARI & BASSO, 2009, p. 185), da classificação diamésica, pois tratamos da relação entre oralidade e escrita, sobre as marcas da oralidade que podem ser identificadas em construções escritas do gênero digital *sticker*.

Para mais, a partir do supracitado acerca das classificações, fica evidente o que Labov (2008, p. 214) enuncia, que “podemos afirmar com mais segurança que não é possível realizar uma análise das relações estruturais dentro de um sistema linguístico para só depois recorrer a

relações externas”. É imprescindível considerar os fatores sociais que atingem a língua, pois a variação é comum e acontece por meio do social.

Desse modo, a partir do exposto, para entendermos a relação entre língua falada e língua escrita destacamos Marcuschi (2010, p. 15) ao apresentar uma “concepção de língua e de texto [...] como um conjunto de práticas sociais”. Entendemos, a partir disso, que da mesma forma que a língua falada dispõe do aspecto social, a língua escrita também possui, pois, o uso da escrita também é um fenômeno voltado para a dialogia, a interação entre os sujeitos.

Assim, antes de qualquer discussão sobre diferenças, semelhanças, influências, entre outros aspectos da oralidade e escrita, é necessário levar em conta que a comunicação entre os indivíduos, por meio dos gêneros textuais/discursivos, é a responsável pela materialização da linguagem, e a linguagem, por sua vez, seja oral ou escrita, é em sua essência comunicação. Segundo Koch (2013, p. 7-8), é:

a linguagem como atividade, como forma de ação, ação interindividual finalisticamente orientada; como lugar de interação que possibilita aos membros de uma sociedade a prática dos mais diversos tipos de atos, que vão exigir dos semelhantes reações e/ou comportamentos, levando ao estabelecimento de vínculos e compromissos anteriormente inexistentes.

Desse modo, compreendemos que as práticas de interlocução exercidas pelos indivíduos permitem a efetivação da linguagem, e os contextos em que os falantes estão inseridos são os condutores desse processo, da utilização da linguagem oral ou escrita, os atos são adaptados conforme as disposições possíveis do ambiente, resultando em relações que antes não existiam entre os sujeitos.

Partindo para a discussão sobre a relação sociolinguística entre oralidade e escrita, Pontes Jr., (2014, p. 26) reitera que “tal discussão, nos faz refletir até que ponto, a fala interfere na escrita e será que também ocorre o contrário, da escrita interferir na fala”. Diariamente, fazemos a utilização tanto de uma habilidade quanto da outra, e ainda que o sujeito não possua práticas de letramento para fazer o uso da escrita, cotidianamente, ele tem o contato com este universo do texto, uma vez que vivemos em uma sociedade grafocêntrica em que a grande maioria das práticas sociais é mediada pela linguagem verbal escrita.

Nesse sentido, é válido destacarmos a investigação de Castro (2016), a qual investiga a reprodução na escrita oriunda da língua falada a partir de turmas de terceiro e nono ano do ensino fundamental com o objetivo de identificar, categorizar e comparar os fenômenos de variação que acontecem na escrita. Assim, a pesquisa segue a partir de testes com a escuta e reescrita de um conto, e visualização de imagens e escrita do significado delas. A partir dessa investigação, foi possível constatar que alguns fenômenos aconteceram na escrita: a ausência

da concordância verbal, a monontogação, o apagamento do /r/ do infinitivo, transcrição fonética, a hipercorreção e a aférese.

Para tanto, da mesma forma que temos o contato diário com a língua escrita, e fazemos a utilização dela, diversos fenômenos influenciam nas nossas produções, igual acontece quando utilizamos a língua falada. Pontes Jr., (2014, p. 25) afirma que:

A maneira de escrever de uma pessoa está relacionada com uma série de fatores dos mais variados tipos e estes fatores são condicionantes para a construção da fala e da escrita. Dentre estes fatores condicionantes, podemos destacar sexo, idade, condição socioeconômica, grau de escolarização, se é morador de zona urbana ou rural e até mesmo se tem acesso a bens materiais e culturais.

Por outro lado, “quando produzimos um texto escrito podemos pensar previamente sua estrutura em partes, podemos decidir em que ordem essas partes serão dispostas, podemos avaliar formulações alternativas.” (ILARI & BASSO, 2009, p. 181), ou seja, damos total importância à norma padrão da língua, à noção do que é certo ou errado, pois a escrita é um processo de formação que permite alterações, diferente da oralidade que acontece e é utilizada de forma imediata, com urgência. Vejamos abaixo algumas características que diferem a língua falada e a escrita, conforme quadro 01:

Quadro 01: Características diferentes entre fala e escrita

Fala	Escrita
1. não planejada	1. planejada
2. fragmentária	2. não fragmentária
3. incompleta	3. completa
4. pouco elaborada	4. elaborada
5. predominância de frases curtas, simples ou coordenadas	5. predominância de frases complexas, com subordinação abundante
6. pouco uso de passivas, etc.	6. emprego frequente de passivas, etc.

Fonte: Koch 2013, p. 77

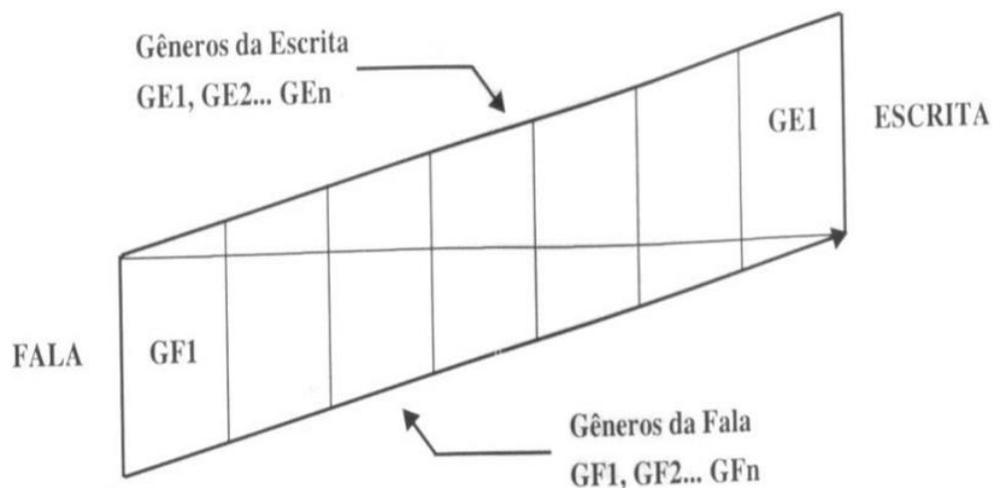
A partir do exposto, assimilamos que há muitas divergências entre oralidade e escrita, de modo que sentimos dois polos distintos, por um lado a padronização na língua escrita, e por outro a diversificação na língua falada. Segundo o quadro as nossas produções seguem alguns fatores específicos propondo a ideia de que fala e escrita compõem uma dicotomia. No entanto, Marcuschi (2010, p. 17) evidencia que:

Oralidade e escrita são práticas e usos da língua com características próprias, mas não suficientemente opostas para caracterizar dois sistemas linguísticos nem uma dicotomia. Ambas permitem a construção de textos coesos e coerentes, ambas permitem a elaboração de raciocínios abstratos e exposições formais informais, variações estilísticas, sociais, dialetais e assim por diante.

Assim, constatamos que oralidade e escrita são duas esferas complementares. Porém, também é necessário esclarecer que o sistema linguístico da fala e da escrita possui características específicas. São sistemas que, ainda que sirvam a uma mesma funcionalidade – comunicar e interagir – não se manifestam nas mesmas conjecturas pragmáticas.

Para mais, podemos afirmar que “existe uma escrita informal que se aproxima da fala e uma fala formal que se aproxima da escrita, dependendo do tipo de situação comunicativa” (KOCH, 2013, p. 78), ou seja, a relação de aproximação entre oralidade e escrita existe, e para além disso, uma pode se aproximar da outra, não é uma relação única, mas de forma mútua, pois a escrita pode se aproximar da fala. Vejamos o quadro a seguir.

Quadro 02: Fala e escrita no contínuo dos gêneros textuais



Fonte: Marcuschi, 2010, p. 38

Sendo assim, como toda produção linguística é influenciada pelo ambiente em que os sujeitos estão inseridos, podemos afirmar que também existe variação no nível escrito da língua, pois “as relações fala e escrita dizem respeito a questões de uso da língua” (MARCUSCHI, 2010, p. 32), isto é, o meio, contexto, ouvinte. Segundo uma perspectiva variacionista “a variação se daria tanto na fala como na escrita, o que evitaria o equívoco de identificar a língua escrita com a padronização da língua” (MARCUSCHI, 2010, p. 32).

2.1 A importância da abordagem sociolinguística no campo educacional

O ensino de língua portuguesa², na concepção de muitos, pode ser confundido com um conglomerado de práticas que transmita o conhecimento baseado em regras da gramática normativa, e se não for assim, as ações didáticas talvez não atingem resultados positivos, e conseqüentemente não há o aprendizado por parte dos alunos. Este pensamento permeia entre os discentes, pais e até mesmo entre os professores da área de ensino.

No entanto, como já vimos, a língua é muito mais do que alguns (bem poucos) dizem como deve ser regida, ela é um agente que está disposta para todos, é social, e como tal, não tem capacidade de ser uniforme, pois os sujeitos falantes são diversos, vivem em contextos próprios. É nesta perspectiva que a língua deve ser compreendida pelas escolas e pelos profissionais da área, pois a variação linguística é uma questão de identidade cultural dos diversos grupos. Bagno (2008, p. 16) afirma que:

A variação linguística tem que ser objeto e objetivo do ensino de língua: uma educação voltada para a construção da cidadania numa sociedade verdadeiramente democrática não pode desconsiderar que os modos de falar dos diferentes grupos sociais constituem elementos fundamentais da identidade cultural da comunidade e dos indivíduos particulares.

Nesse sentido, entendemos que aplicações de estudo da área sociolinguística qualitativa³ devem ser postas em prática dentro da sala de aula. A escola, como um ambiente de educação e inclusão, não pode excluir os grupos no fator que mais caracteriza o ser humano: a língua.

Segundo Cezario & Votre (2011, p. 146) “cada pessoa tem um enorme repertório linguístico que a torna capaz de adaptar sua linguagem às diferentes situações vividas”. Isto quer dizer que vários fatores influenciam na utilização de uma ou outra forma da língua. Dessa forma:

Uma das tarefas do ensino de língua na escola seria, então, *discutir os valores sociais atribuídos a cada variante linguística*, enfatizando a carga de discriminação que pesa sobre determinados usos da língua, de modo a conscientizar o aluno de que sua produção linguística, oral ou escrita, estará sempre sujeita a uma avaliação social, positiva ou negativa. Se, num trabalho escrito, por exemplo, encontrarmos usos linguísticos condenados pela gramática normativa, vamos ter a honestidade e o bom senso de reconhecer que a NP tradicional oferece apenas *uma* das muitas possibilidades de realização dos recursos existentes na língua, uma possibilidade que além de única é também carregada de traços de obsolescência que provocam no falante nativo um estranhamento quase semelhante ao provocado por um enunciado

² Sentimos a necessidade de contemplar esta fundamentação teórica como uma contribuição para o campo educacional. Porém, o objeto dessa pesquisa não é trabalhar a perspectiva pedagógica. Assim, fica para uma pesquisa posterior.

³ Para aprofundamento acerca do tema, sugerimos “O professor pesquisador: introdução à pesquisa qualitativa” de Bortoni-Ricardo, 2008.

em língua estrangeira. É mais do que justo que o professor explique, com base em teorias linguísticas consistentes, a origem e o funcionamento das formas linguísticas consideradas não padrão, que mostre as regras gramaticais que governam cada uma delas (BAGNO, STUBBS & GAGNÉ, 2002, p. 75-76).

Compreendemos, desse modo, que um dos papéis dos docentes é reconhecer o dinamismo da língua e trabalhar com os discentes sobre as variantes de mais prestígio social e as que mais sofrem preconceito, pois há um juízo social acerca de qual uso da língua é o certo. Nas atividades em sala de aula devem ser apresentadas diferentes possibilidades existentes, pois a sociolinguística reconhece que a norma-padrão deve ser ensinada, ela é necessária no ensino de língua, visto que estabelece uma organização, mas não pode ser a única vislumbrada, vista e conhecida, os alunos também devem conhecer e respeitar a realidade da variação, da adequação linguística, galgando a competência do monitoramento linguístico.

Desse modo, o professor tem um papel fundamental no desenvolvimento de sujeitos que respeitem a variação, ele deve possuir “[...] uma pedagogia que sensibilize as crianças e jovens para a variação, de tal modo que possamos combater os estigmas linguísticos, a violência simbólica, as exclusões sociais e culturais fundadas na diferença linguística” (FARACO, 2008, p. 182), pois a própria sala de aula é um ambiente que detém diversidade social, e automaticamente há variáveis linguísticas.

Sendo assim, é imprescindível que o professor desenvolva uma pedagogia linguisticamente inclusiva, em sua sala de aula. A realidade escolar não é isenta de adequações, tanto de professores quanto de alunos, e esta realidade não pode ser ignorada. Assim,

[...] diante da realização de uma regra não-padrão pelo aluno, a estratégia da professora deve incluir dois componentes: a *identificação* da diferença e a *conscientização* da diferença. A identificação fica prejudicada pela falta de atenção ou pelo desconhecimento que os professores tenham a respeito daquela regra. [...] O segundo componente - a conscientização - suscita mais dificuldades. É preciso conscientizar o aluno quanto às diferenças para que ele possa começar a monitorar seu próprio estilo, mas esta conscientização tem de dar-se sem prejuízo do processo de ensino/aprendizagem, isto é, sem causar interrupções inoportunas. Às vezes, será preferível adiar uma intervenção para que uma idéia não se fragmente, ou um raciocínio não se interrompa (BORTONI-RICARDO, 2004, p. 42).

Sendo improvável a ocorrência de variação linguística, o professor deve assumir o papel de agente de mudanças. É como Bagno (2007, p. 224) sugere:

Se você tiver a boa sorte de ouvir um "ingrês", um "trabaiio" ou um "nós qué" em sua sala de aula, espero que saiba aproveitar essa oportunidade para combater o riso debochado e preconceituoso e promover a auto-estima lingüística de seus alunos. Mostre a eles **de onde vêm** esses fenômenos, esclareça que não se trata de "erros", mas de formas perfeitamente explicáveis com base num bom conhecimento da história da língua e de seu funcionamento Chame a atenção deles para as **conseqüências sociais** do uso dessas regras variáveis e garanta a eles, também, o conhecimento das

regras **prestigiadas**, para que eles possam, se quiserem, usá-las como instrumentos em sua luta por uma vida melhor, mais digna e mais justa.

Sendo assim, a abordagem sociolinguística na sala de aula, a postura frente às diferentes manifestações da linguagem, deve ser praticada, e deve ser com comprometimento para que a cidadania dos grupos sociais não seja negada, e que a identidade linguística das comunidades seja respeitada, pois a língua é um fenômeno que segue a sua natureza: a de mudanças temporais, geográficas e nas diferentes classes sociais.

3. A COMUNICAÇÃO SOCIAL: VARIAÇÃO LINGUÍSTICA NOS GÊNEROS TEXTUAIS/DISCURSIVOS

Quando tratamos acerca do gênero se torna necessário, primeiramente, evidenciar o fato de que ele é multifacetado, pois semanticamente o termo pode estar associado à dimensão biológica, do sexo feminino ou masculino, psicológica referente ao gênero na psique do indivíduo, ou linguística, pertencente ao uso social. Acerca destas perspectivas, a que será tratada aqui é a última, sendo relevante destacar que também é plural, pois pode ser apresentada como gênero textual ou gênero discursivo.

Posto isto, pontuamos que o entendimento acerca do que é o gênero na perspectiva da vertente linguística discursivo/textual, segue na característica do aspecto social, é vislumbrado conforme a comunicação exercida entre os indivíduos em determinados contextos e em um determinado tempo, pois eles também podem sofrer modificações, são mutáveis. Desse modo, Marcuschi (2010, p. 23) ressalta que

Usamos a expressão gênero textual como uma noção propositalmente vaga para referir os textos materializados que encontramos em nossa vida diária e que apresentam características sociocomunicativas definidas por conteúdos, propriedades funcionais, estilo e composição característica.

Nesse sentido, compreendemos que a comunicabilidade é concretizada por meio de textos, isto é, através de gêneros textuais. Estes eventos são inúmeros, permitem diversos estilos, conteúdo, estruturação, etc, pois atendem aos diversos contextos de interação dos indivíduos. Sendo assim, devido a singularidade de cada contexto, compreendemos que os gêneros, sejam eles orais ou escritos, exercem uma função social mediada pela linguagem.

A esse respeito, Bakhtin (2003, p. 261) define que “esses enunciados refletem as condições específicas e as finalidades de cada referido campo não só por seu conteúdo (temático) e pelo estilo da linguagem, [...] mas, acima de tudo, por sua construção composicional”, ficando evidente que em todas as situações de uso da língua há uma equivalência para a utilização de um gênero específico.

Desse modo, assimilamos que a temática, o estilo e a construção composicional estão sendo considerados no sentido de que o primeiro e o segundo referem-se ao sujeito, pois a temática corresponde à intenção com o discurso, e o estilo corresponde ao modo escolhido para comunicar. Por outro lado, a construção composicional é a estruturação do texto, corresponde ao sistema próprio do gênero que, devido a sua particularidade, permite identificação.

Para tanto, percebemos que os gêneros sistematizam a comunicação, eles têm uma função social, e seu uso está em todos os contextos e em todas as práticas textuais exercidas pelos indivíduos, facilitam as atividades humanas, pois a língua é dinâmica, e considerando esta dinamicidade, Bakhtin (2003, p. 263) classifica os gêneros discursivos em dois: primários e secundários:

Não se deve, de modo algum, minimizar a extrema heterogeneidade dos gêneros discursivos e a dificuldade daí advinda de definir a natureza geral do enunciado. Aqui é de especial importância atentar para a diferença essencial entre os gêneros discursivos primários (simples) e secundários (complexos) - não se trata de uma diferença funcional. Os gêneros discursivos secundários (complexos - romances, dramas, pesquisas científicas de toda espécie, os grandes gêneros publicísticos, etc.) surgem nas condições de um convívio cultural mais complexo e relativamente muito desenvolvido e organizado (predominantemente o escrito) - artístico, científico, sociopolítico, etc. No processo de sua formação eles incorporam e reelaboram diversos gêneros primários (simples), que se formaram nas condições da comunicação discursiva imediata.

Nesse sentido, entendemos que os gêneros primários são aqueles que se estabelecem em situações de comunicação mais urgentes, rápidas, isto é, podemos dizer que são elaborados por meio do uso da comunicação em contextos espontâneos, como o uso da linguagem em diálogos do dia a dia. Os gêneros primários estão associados ao cotidiano, onde os indivíduos diminuem o monitoramento da atividade comunicativa.

Por outro lado, constatamos que os gêneros secundários são aqueles que envolvem um maior monitoramento, há uma maior concentração por parte dos indivíduos para que ele seja construído, como por exemplo o gênero publicitário e as produções científicas. Nestes eventos, é necessário que o sujeito produtor estruture, organize e elabore o gênero de uma maneira específica.

Em seu estudo, Marcuschi (2010) além de empenhar-se em definir o que é gênero textual, e compreender a sua função na sociedade, dedica-se também a analisar a concepção do que é o tipo textual, com a finalidade de evidenciar a distinção entre os dois fundamentos, visto que tanto o gênero quanto o texto são fundamentais no ato de comunicação verbal. Observemos a figura a seguir com um quadro sinótico de definição:

Quadro 03: Quadro definição de tipo e gênero textual

TIPOS TEXTUAIS	GÊNEROS TEXTUAIS
1. construtos teóricos definidos por propriedades linguísticas intrínsecas;	1. realizações linguísticas concretas definidas por propriedades sociocomunicativas;

<p>2. constituem sequências linguísticas ou sequências de enunciados e não são textos empíricos;</p> <p>3. sua nomeação abrange um conjunto limitado de categorias teóricas determinadas por aspectos lexicais, sintáticos, relações lógicas, tempo verbal;</p> <p>4. designações teóricas dos tipos: narração, argumentação, descrição, injunção e exposição.</p>	<p>2. constituem textos empiricamente realizados, cumprindo funções em situações comunicativas;</p> <p>3. sua nomeação abrange um conjunto aberto e praticamente limitado de designações concretas determinadas pelo canal, estilo, conteúdo, composição e função;</p> <p>4. exemplos de gêneros: telefonema, sermão, carta comercial, carta pessoal, romance, bilhete, aula expositiva, reunião de condomínio, horóscopo, receita culinária, bula de remédio, lista de compras, cardápio, instruções de uso, outdoor, inquérito policial, resenha, edital de concurso, piada, conversa espontânea, conferência, carta eletrônica, bate-papo virtual, aulas virtuais etc.</p>
--	---

Fonte: Marcuschi, 2010, p. 24.

Assim, podemos perceber que os tipos textuais estão associados ao domínio próprio da linguística, e são limitados a cinco categorias: os narrativos, descritivos, expositivos, argumentativos e injuntivos.

Por outro lado, os gêneros textuais são inúmeros, e devido a sua função de organizar a comunicação, eles sofrem alterações, evoluem, como também surgem novos, pois “[...] os gêneros, como práticas sociocomunicativas, são dinâmicos e sofrem variações na sua constituição, que, em muitas ocasiões, resultam em outros gêneros, novos gêneros. Basta pensarmos, por exemplo, no e-mail ou no blog” (KOCH & ELIAS, 2008, p. 101-102).

Sendo assim, nesta perspectiva dos novos gêneros, podemos pensar naqueles que surgem com as necessidades comunicativas advindas da internet, como os que foram supracitados: o e-mail e o blog. Desse modo, Marcuschi (2010) denomina estes fenômenos de gêneros emergentes, pois a internet possibilita um crescente desenvolvimento nos espaços de comunicação, resultando em um aumento dos gêneros.

No entanto, é necessário entendermos que mesmo que a internet possua este aspecto de novidade, de ser novo, e que os gêneros emergentes advenham com a necessidade deste meio comunicativo, eles não são plenamente novos. É como Marcuschi (2010, p. 21) salienta:

Seguramente, esses novos gêneros não são inovações absolutas, quais criações *ab ovo*, sem uma ancoragem em outros gêneros já existentes. [...] A tecnologia favorece o

surgimento de formas inovadoras, mas não absolutamente novas. Veja-se o caso do telefonema, que apresenta similaridade com a conversação que lhe preexiste, mas que, pelo canal telefônico, realiza-se com características próprias. Daí a diferença entre uma conversação face a face e um telefonema, com as estratégias que lhe são peculiares.

Desse modo, partindo da ideia de que com os novos gêneros digitais, surgem também características próprias para a comunicação, como o uso simultâneo de imagens, textos etc, é de extrema relevância destacar as particularidades linguísticas, isto é, como, com o aparecimento dos eventos textuais da internet, acontece uma ampliação na linguagem, sobretudo na escrita.

3.1 Do oral para o escrito: a manifestação sociolinguística no gênero digital

Bortoni-Ricardo (2004) classifica que para cada contexto o falante irá produzir uma forma de linguagem específica, ou seja, todo indivíduo concilia o ambiente que se encontra a um falar que seja pertinente à ocasião, e muitas vezes esta adequação não irá seguir as regras determinadas pela gramática normativa, seja na modalidade de língua falada ou na forma escrita.

Para tanto, quando partimos para a utilização dos gêneros digitais, os novos gêneros, ainda que, como dito anteriormente, não sejam inovações plenas, entendemos que as produções linguísticas dos indivíduos nestes eventos podem sofrer modificações, podemos encontrar fenômenos sociolinguísticos, pois dentro desta realidade há situações de produção específicas, e podemos perceber que:

A comunicação mediada pelo computador tem como principal característica a velocidade com que mensagens podem ser trocadas. Com ela abrem-se possibilidades de novas práticas discursivas, que começam a receber a denominação de discurso eletrônico (JONSSON, 1997 e DAVIS & BREWER, 1998). [...] O discurso eletrônico pode assumir formas que guardam extrema semelhança com o discurso oral, sendo portanto uma modalidade de uso da linguagem que frequentemente escapa a um enquadramento que se sustenta em noções convencionais sobre a escrita e a oralidade (SOUZA, 2001, p. 15).

Nesse sentido, incorporado aos gêneros digitais, aqui consideramos os que possuem também o texto escrito, como as redes sociais, neles podemos encontrar marcas de oralidade, sendo justificável, em muitos casos pela necessidade de produzir escritos de forma imediata, como também, de maneira mais espontânea, características bem semelhantes do gênero diálogo do dia a dia.

Assim, sobre um dos aspectos referente à associação entre linguagem e *internet*, ou novos gêneros textuais, é destacável que “do ponto de vista da linguagem, temos uma pontuação

minimalista, uma ortografia um tanto bizarra, abundância de abreviaturas nada convencionais, estruturas frasais pouco ortodoxas e uma escrita semi-alfabética” (CRYSTAL, 2001 *apud* MARCUSCHI, 2008, p. 199).

A esse respeito, Xavier (2005, p. 03) afirma que “como tudo é novo como os próprios usuários ousam inovar também no uso da linguagem, testando formas novas de transcrever e rerepresentar a língua oral no espaço virtual”, deixando explícito que uma das formas de manifestação sociolinguística escrita no ambiente virtual, nos novos gêneros, é a tentativa de aproximação da língua falada.

Em seu estudo, Hilgert (2000, p. 5) afirma que “na comunicação por computador, os dois recursos mais comuns entre os usuários em geral são os *e-mails* e as mensagens *on line* (conversações)”. Podemos certificar que as principais características destes dois meios é a velocidade e o tempo em que é possível acontecer o diálogo, pois no primeiro é necessário a presença dos indivíduos simultaneamente, e no segundo não há esta necessidade.

Porém, partindo para a perspectiva sociolinguística, o fato da interação nestes meios digitais acontecerem de forma síncrona ou assíncrona não minimiza a possibilidade de acontecer manifestações sociolinguísticas diversas, e da mesma forma podemos citar a menor utilização de outros recursos, pois estes eventos pode acontecer em outros gêneros do digital como aula *Chat*, lista de discussão, pôster das redes sociais *Instagram* ou *Facebook*, *Memes*, jogos etc.

Destacamos as reflexões de Souza-Silva & Oliveira (2018) acerca da língua(gem) na internet cujo objetivo é discutir sobre os estímulos que a língua(gem) ganha neste meio, e tem como justificativa, visualizar a internet como um local de mudanças para a linguagem. Desse modo, a partir de análises de interações realizadas por meio da internet é possível evidenciar que a linguagem utilizada neste ambiente se aproxima da informalidade.

Desse modo, conseguimos compreender como a variação linguística aparece na internet, e também notamos que ainda que em alguns ambientes de interação da internet seja esperada uma maior utilização dos preceitos estabelecidos pela gramática normativa, é possível encontrar a adequação, pois o uso contém muitas variantes. Podemos observar este cenário na utilização do *e-mail*. Souza (2001, p. 26) afirma que:

A comunicação por e-mail abre um contínuo de possibilidades estilísticas, variando de mensagens extremamente curtas e informais, muito próximas à conversação espontânea ou a escrita telegráfica, até textos bastante elaborados, semelhantes à escrita formal. Esta amplitude parece estar ligada à variedade de contextos e situações comunicativas possibilitada pelo e-mail, que contempla tanto trocas de mensagens casuais quanto negociações formais.

Partindo dessas colocações, podemos aqui elucidar acerca de como eventos sociolinguísticos aparece no gênero digital *sticker*, pertencente ao *WhatsApp*, onde as suas principais características estão apoiadas no uso de ferramentas imagéticas que podem ou não possuir textos escritos para exprimir emoções. No entanto, para este estudo estaremos nos referindo àquelas que possuem, além da imagem, a escrita, pois estamos discorrendo sobre a sociolinguística.

Nesse contexto, destacamos que os *stickers*, também conhecidos como figurinhas, têm pacotes já instalados, outros que podem ser baixados, e como também há a possibilidade do usuário criar novos personalizados, que segundo Sousa (2020, p. 8) “pode ser produzida a partir de outros gêneros já existentes, como os *emojis*, *memes*, mensagens, personagens da vida real, que são personalizados”, ficando evidente a produtividade de criação deste gênero.

Em seu estudo, Souza (2001) evidencia que na internet, um dos aspectos mais curiosos é o fato de que em boa parte da escrita presente neste meio é possível perceber que não há a limitação que é esperada para esta modalidade, e é exatamente nesta direção que encontramos boa parte dos escritos no gênero *sticker* do *WhatsApp*, principalmente aqueles que são objeto do nosso estudo, os que derivam de eventos da oralidade. Vejamos um exemplo abaixo.

Figura 01: *Sticker* textual e imagético da oralidade



Fonte: Arquivo pessoal

A figura 01 apresenta a imagem de um humorista e roteirista de codinome “Esse Menino”, e teve tanto o imagético quanto o escrito retirado de um vídeo gravado e publicado por ele na rede social *Instagram*, onde o humorista satiriza o fato do presidente do Brasil Jair Bolsonaro ter ignorado os e-mails enviados por uma empresa farmacêutica fabricante da vacina

contra a COVID-19⁴ que assolava o mundo. No vídeo, em um dos momentos, o jovem pronuncia a seguinte oração: “tá passada?”. Assim, de maneira a fidelizar uma das frases que foram mais impactantes e percebidas, uma figurinha foi criada, por algum usuário do *WhatsApp*, utilizando marcas sociolinguísticas da oralidade, com a finalidade de gerar comunicação na rede social.

Além disso, podemos acrescentar que não há apenas uma finalidade para o uso do *Sticker*, pois “as figurinhas do *WhatsApp* podem assumir funções diferentes dentro de uma conversa. Como, por exemplo, iniciar ou encerrar um assunto, intensificar algo, entre outros” (SOUSA, 2020, p. 8), isto é, há variadas formas de utilização de uma mesma figurinha.

Assim, compreendemos que, com as novas necessidades de comunicação, de expressão de sentimentos, rapidez e necessidade de sentir-se próximo ao outro dentro do *WhatsApp*, modificações na língua escrita acontecem, culminando em manifestações sociolinguísticas, pois os indivíduos sentem que é fundamental a existência de possibilidades de se expressar, como é o caso dos *stickers* e da sua composição. Xavier (2005, p. 11) reitera:

É natural que a cada nova necessidade de comunicação ou desejo de expressão do homem, haja modificações na forma de utilização da língua. Assim surgem as variações lingüísticas, que uma vez aceitas pelo uso constante dos falantes provocam reais mudanças na língua. As situações comunicativas inéditas geram demandas de gêneros específicos para cada uma delas. [...] A internet como um microcosmo virtual do mundo real reflete essa pluralidade de contextos comunicacionais, e, dessa maneira, oferece as condições sócio-técnicas para a emergência de novos gêneros textuais e formas alternativas de utilização das convenções da escrita.

Desse modo, assimilamos que assim como para contextos específicos adequamos a nossa linguagem oral, podemos também moldar a nossa escrita, uma vez que os gêneros também exigem esta ocorrência, pois “a internet é um espaço democrático, onde se pode empregar a escrita e a língua de modo mais livre e moldada ao gênero que se precisa utilizar nas diversas ocasiões de navegação” (XAVIER, 2005, p. 12).

Para tanto, fica evidente o aparecimento de manifestações sociolinguísticas na língua escrita no gênero digital *sticker* do *WhatsApp* tendo como influência a língua oral, uma ocorrência que em outros contextos, ou em outros gêneros, não seria possível, pois é necessário adequar, uma vez que cada realidade exige um estilo específico para a utilização da língua, seja na oralidade ou na escrita.

⁴ COVID-19, também conhecido como coronavírus, é o nome dado à doença infecciosa causada pelo SARS-Cov 2. No dia 11 de março de 2020, a Organização Mundial da Saúde decretou a pandemia da doença.

Porém, estes eventos não são aleatórios. A criação do gênero *sticker*, a utilização de manifestações sociolinguísticas neste gênero pode ser compreendida a partir da aquisição e da influência do letramento no indivíduo.

3.2 A influência do letramento digital na formação dos indivíduos

De acordo com Soares (2009, p. 18), letramento é “o resultado da ação de ensinar ou de aprender a ler e escrever: o estado ou a condição que adquire um grupo social ou um indivíduo como consequência de ter-se apropriado da escrita”. É, portanto, o conjunto de habilidades sociais apreendidas pelo sujeito ou por uma comunidade.

Neste cenário de compreensão do que é o letramento, podemos deduzir que o termo abrange um leque de práticas, e, dentre essas possibilidades, as tecnologias que envolvem equipamentos digitais que têm acesso à internet, como o computador ou celular, também fazem parte dessa gama. Para as habilidades que o sujeito desenvolve neste espaço dá-se o nome de “letramento digital”.

Em seu estudo, Coscarelli & Ribeiro (2005, p. 9) definem o letramento digital como a “ampliação do leque de possibilidades de contato com a escrita também em ambiente digital (tanto para ler quanto para escrever)”. Desse modo, entendemos que a internet abrange tanto a leitura quanto a escrita possibilitando trazer para o meio virtual o que se conveniu chamar de letramento.

No entanto, é relevante destacar que o letramento digital também está relacionado ao uso da máquina, ou seja, o saber usar o mouse, teclado, saber usar a área do computador, os comandos básicos exigidos, como ligar e desligar, como encontrar informações, onde deve clicar, entre outros (COSCARELLI, 2018). Sendo assim, entendemos que o letramento digital é para além do simples saber ler e escrever, mas

Ser letrado digital pressupõe assumir mudanças nos modos de ler e escrever os códigos e sinais verbais e não-verbais, como imagens e desenhos, se compararmos às formas de leitura e escrita feitas no livro, até porque o suporte sobre o qual estão os textos digitais é a tela, também digital (XAVIER 2005, p. 135).

Assim, compreendemos que para a internet é necessário exteriorizar uma postura específica, por se tratar de um ambiente em que exige a adequação de códigos e sinais para o meio inserido. É diferente daquilo que era habitual, a tradição, se torna necessário assumir transformações.

Porém, considerando que a internet exige modos específicos de ler e escrever os sinais e códigos, entendemos que esses letramentos podem influenciar os sujeitos, a leitura de mundo

realizada por eles, os seus atos, suas relações, e até mesmo a escrita em ambientes diversos. Acerca da escrita, vejamos o que Ribas et al. (2007, p. 2-3) afirmam:

A evolução da escrita trouxe consigo seus benefícios, mas também algumas preocupações, principalmente em se tratando da formação de adolescentes, pois esse público está em fase de amadurecimento pessoal, construindo valores que farão parte da sua personalidade, e as influências ao seu redor muito contribuem, de forma positiva ou negativa, nessa formação.

Desse modo, os letramentos, referente a utilização da escrita, adquiridos e desenvolvidos cada vez mais pelos usuários da internet, especialmente os adolescentes que frequentam salas de aula, ao mesmo tempo que gera entusiasmo por serem conhecimentos necessários para a vivência e a comunicação na atualidade, também provoca inquietações, por possíveis dificuldades dos usuários em escrever textos seguindo a norma-padrão. De encontro a esta discussão, Prata-Linhares & Botelho (2021, p. 148) afirmam que há

[...] uma crescente incorporação de uma variante da língua portuguesa própria de ambientes informais de comunicação digital nos contextos escolares que foge à norma culta da língua portuguesa. Abreviações de palavras, inserção de símbolos imagéticos e variações nos processos de coesão referencial são algumas das particularidades linguísticas desse dialeto vindo do âmbito virtual [...].

Sendo assim, os maiores preocupados com a situação da escrita dos adolescentes são os professores, pois estão ingressando nas escolas os alunos da era digital, também chamados de geração y, e o letramento referente à escrita da internet em redes sociais, assim como outros letramentos, estão intrínsecos a esse público e afetam diretamente a vida dos adolescentes em todas as esferas, inclusive na escolar.

Para mais, referente ao impacto na escrita, podemos evidenciar o imediatismo, reflexo da era digital. O adolescente letrado digitalmente está habituado com a rapidez em realizar comandos como pesquisar, digitar, ter acesso às informações, aos aplicativos, programas etc. estas questões refletem de maneira direta no próprio ato da escrita, pois o discente pode sentir desânimo de exercer esta prática e optar por tirar uma fotografia, utilizar do letramento digital para registrar a escrita escolar.

Em seu artigo sobre o letramento digital e a prática manuscrita, Welter & Gubert (2020) realizaram uma pesquisa com alunos e professores do terceiro ano do Ensino Médio de escola pública, no município de Xanxerê/SC, através de questionários. O objetivo dos autores era saber sobre a presença da tecnologia dentro da sala de aula, e se os letramentos digitais estão afetando a prática da escrita entre os docentes e discentes. Após a coleta de dados, os autores afirmam:

O manuscrito ainda vem sendo usado, porém a escrita digital é de preferência dos alunos entrevistados e os resultados apontaram que os professores observam que ela

ajuda otimizar o tempo em sala de aula. Pode-se dizer que o letramento digital está presente em sala de aula quando a resposta dos questionários mostram que os alunos preferem digitar que escrever, solicitam tirar foto do que anotar manualmente. Tendo em vista o assunto abordado nesse estudo, pode-se afirmar que o letramento digital está se inserindo de maneira gradual e efetiva em sala de aula, deixando de lado, pouco a pouco, a forma manuscrita pelos meios digitais (WELTER & GUBERT, 2020, p. 20).

Nesse sentido, constatamos que realmente os letramentos digitais afetam o ato de escrever. A prática não foi apagada, os alunos ainda utilizam o papel e a caneta, mas a preferência é pela utilização das habilidades adquiridas pela existência das novas tecnologias, através do digitar e da fotografia da lousa. E como foi possível observar, isto não é vista pelos docentes como um fator negativo, é um auxílio na otimização do tempo gasto em sala.

Ainda podemos acrescentar nesta discussão a ocorrência que não é apenas os alunos que fazem uso dos letramentos digitais em sala de aula, pois de acordo com a pesquisa que incluía os docentes entrevistados, Welter & Gubert (2020, p. 20) afirmam “nove entre dez professores já usaram algum meio eletrônico para passar informações aos alunos, em vez de escrever na lousa”.

Sendo assim, entendemos que “o surgimento das novas tecnologias de comunicação tem modificado muitas atividades da vida moderna” (XAVIER, 2005, p. 133), ou seja, o letramento digital tem influenciado o cotidiano e a formação dos indivíduos, ele tem impactado as atitudes, e os pensamentos, tem incorporado um pouco de tecnologia às atuais práticas sociais exercidas pelos indivíduos.

4 METODOLOGIA

A presente pesquisa é do tipo qualitativa, isto porque será considerado três importantes aspectos: um processo, um ambiente específico, e a interpretação dos atores sociais abrangidos neste processo (BORTONI-RICARDO, 2008). Desse modo, inserida na pesquisa qualitativa, será levado em conta a sociolinguística, a pesquisa social e a rede social de fins comunicativos, que sai, como afirma Bortoni-Ricardo (2008, p. 121), “de uma visão monista, do indivíduo isoladamente, para as relações entre indivíduos”.

Este trabalho apresentará uma pesquisa qualitativa seguindo a vertente nomeada como paradigma interpretativista, o método de análise hermenêutico-dialética, que segundo Bortoni-Ricardo (2008, p. 32):

Não há como observar o mundo independentemente das práticas sociais e significados vigentes. Ademais, e principalmente, a capacidade de compreensão do observador está enraizada em seus próprios significados, pois ele (ou ela) não é um relator passivo, mas um agente ativo.

Desse modo, nossa pesquisa seguirá a ideia de interpretação detalhada dos dados coletados. Além disso, empenhando-se em evidenciar o conteúdo, também é relevante destacar que esta pesquisa ocorrerá em um caráter descritivo, uma vez que tem “como objetivo primordial a descrição das características de determinada população ou fenômeno ou, então, o estabelecimento de relações entre variáveis” (GIL, 2002, p.42).

Sendo assim, a escolha dos *stickers* que serão analisados seguiu critérios delimitados para que o corpus pudesse estar condizente com a intenção proposta para esta pesquisa. Dessa forma, selecionamos cinco (5) *stickers* que continham as seguintes características:

- A) Dispusesse de texto escrito, uma vez que consideramos este aspecto como uma característica indispensável porque o que se pretende neste estudo é fazer a análise que tem como um dos principais fatores de sustentação a língua escrita;
- B) Fosse um *sticker* criado a partir de uma situação real, que realmente tivesse acontecido, e que realmente o sujeito falou a sentença oralmente. Destacamos este critério porque nós acreditamos que para a pesquisa que se realizará, situações concretas enriquecem as análises e discussões do gênero em questão;
- C) Tivesse sido utilizado no discurso oral do sujeito adequações linguísticas, independentemente do nível. Este, sem dúvidas, é um dos mais importantes critérios da coleta de dados, pois é a partir da utilização da língua oral que mais conseguimos verificar manifestações sociolinguísticas. Assim, consideramos relevante aqui dispor de *stickers*

oriundos de contextos reais que, acreditamos, não foi imposto o uso de maior formalidade, ou que os sujeitos se sentiram à vontade para falar, registrando uso mais espontâneo da língua;

D) Apresentasse, ou não, na forma escrita a representação das marcas de oralidade que foram utilizadas pelo sujeito que proferiu o discurso. Este aspecto é um dos sustentos da atual pesquisa, pois tentaremos descobrir se na criação dos *stickers* são considerados as manifestações sociolinguísticas da língua falada;

E) Que o discurso tivesse sido “viralizado”, ou seja, bastante propagado, pelo impacto gerado para a comunidade. Contemplamos esta característica porque acreditamos que quando os discursos são muito propagados na internet é porque foi motivo de muito riso, gerou identificação, consegue representar um sentimento, ou pensamento comum entre as pessoas etc. e pode ser a partir desta motivação criado o *sticker*.

Para mais, é importante destacar que os *stickers* foram coletados em um aplicativo de interação social denominado de *WhatsApp*, o qual é a base da pesquisa⁵. É um aplicativo que é bastante utilizado por uma gama variável de pessoas, no nível do sexo, idade e localização. Vale ressaltar que ele não é o único aplicativo que permite a utilização das figurinhas, porém, ele é o mais popular e o mais utilizado entre os concorrentes de troca de mensagens e que contém o uso dos *stickers*.

⁵ Destacamos que não há uma data, pois foi um corpus de uso diário. Foi coletado conforme o impacto nas interações através do *WhatsApp*.

5 ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Pudemos ver, anteriormente, que os gêneros são utilizados diariamente, e é impossível fazer qualquer transmissão sem a utilização do gênero textual, pois eles ancoram as práticas sociais mediadas pela linguagem. Acontece que nós temos necessidades comunicativas diversas, para cada intenção cabe um gênero textual de composicionalidade diversificada.

O *sticker*, gênero digital, surge pela necessidade comunicativa da caráter ágil, de transmitir uma mensagem humorística ironizando, ou criticando, e como uma forma de exprimir sentimentos, como animado, confuso, preocupado, surpreso etc. Assim, entendemos que ele apresenta as composições explanadas por Bakhtin (2003), conteúdo temático, pois apresenta, por exemplo, o humorismo; estilo da linguagem, que é informal, sem recursos linguísticos extensos; e construção composicional na maioria das vezes, híbrida/mista, contém linguagem verbal (escrita) e não verbal (visual).

Destacamos que a análise do corpus é sociolinguística de cunho semântico-lexical. Assim, investigaremos especialmente, o impacto que o significado da palavra causa na comunicação entre os interlocutores usuários do aplicativo *WhatsApp*, pois é como Gumperz (ANO, p.32) afirma: “o que está em jogo na comunicação é o que um falante tenciona passar, e não simplesmente o que uma elocução 'quer dizer' em um plano abstrato”. Além disso, consideremos, também, o cunho interacional.

Assim, seguimos para a análise do *sticker* 01:

Figura 02: *Sticker* 01 - Incrível



Fonte: Arquivo pessoal

O *sticker* 01 apresenta a imagem do apresentador brasileiro Fausto Silva, popularmente conhecido como Faustão, na Rede Globo de Televisão. O cronograma do programa do referido

artista variava, mas basicamente havia momentos de entrevista com famosos, atores e cantores, atrações em quadros, e sempre acontecia, no final, o quadro das videocassetadas, que consistia na apresentação de vídeos onde acontecia situações que promovia o riso ao telespectador.

O gênero também apresenta um texto verbal “o loco meu” que pode ser entendido como uma frase que expressa espanto, admiração. De acordo com o *site* Dicionário inFormal (2017), “ô louco bicho” – sentença semelhante a colocada no *sticker* que estamos analisando – é uma “expressão empregada quando uma coisa chama muito a atenção”. Concluímos que a utilização da foto do apresentador e a colocação da frase foram associadas porque no quadro videocassetadas aconteciam situações que às vezes impressionavam, não é à toa a expressão facial do Fausto Silva na foto, e quando estas situações impressionantes aconteciam, o apresentador oralizava, com bastante frequência a frase “o loco meu”, eis o motivo de ter viralizado e se tornado um *sticker*.

Partindo para o aspecto sociolinguístico presente neste *sticker* 01, constatamos uma tentativa de fidelização na escrita da adequação linguística utilizada pelo apresentador na língua falada. Oralmente, Faustão, para demonstrar o sentimento de surpresa, e dar mais ênfase a esta sensação, adequa a língua, e ao invés de falar “ô louco, meu”, pronuncia “ô loco, meu” com o apagamento da vogal “o”. É, como Bagno (2002, p. 34) afirma “a televisão também já se tornou um mostruário da pluralidade linguística [...] de acordo com o público-alvo, se servem de variedades estilísticas e de socioletos determinados”. A partir de um estilo específico, o discurso do apresentador, a frase utilizada por ele em contextos próprios, alcança um tom mais emotivo, expressivo, servindo até como bordão característico do apresentador e construção de sua persona midiática.

Seguindo o que determina compêndios normativos, a escrita do *sticker* deveria ter sido realizada da seguinte forma: “ô louco, meu”. Assim, a letra “o” receberia o acento circunflexo por se tratar de uma interjeição; a palavra “loco” deveria ser escrita com a utilização da vogal “u”, pois assim ficaria “louco”. Estamos diante de um fenômeno de monotongação, onde um ditongo é realizado sem a sua semivogal; e deveria existir uma vírgula antes da palavra “meu”, porque ela está cumprindo o papel de vocativo; ressalta-se que a palavra meu, segundo a norma padrão vigente, é um pronome possessivo, mas neste contexto ela está sendo utilizada como um recurso de chamamento, bem como ocorre com termos como “bicho”, “cara”, “mano”, “brow”, etc.

Assim, considerando estas explicações, fica evidente que neste primeiro exemplo há marcas da frase oralizada na construção escrita do gênero. Identificamos que há fenômenos sociolinguísticos que podem ser representados na escrita afim de gerar uma comunicação mais

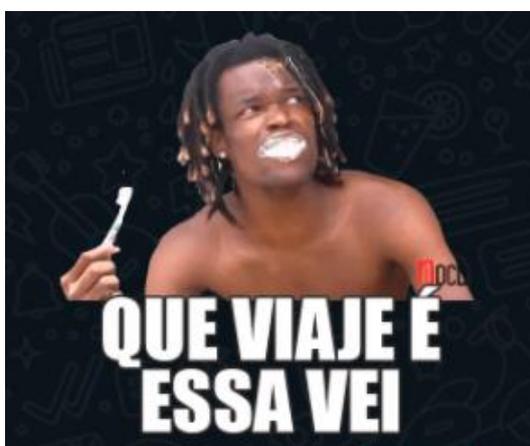
descontraída. A intenção do autor em aproximar a língua falada na língua escrita do *sticker* fica mais evidente quando ele, certamente, de forma intencional faz a supressão da letra “u” na palavra “louco”. Até porque “[...] é normal para qualquer um de nós produzir textos escritos e falados que utilizam formatos diferentes” (ILARI & BASSO, 2009, p. 195).

Vale ressaltar que o humor presente neste *sticker* também se encontra nas manifestações sociolinguísticas utilizadas, não é apenas uma questão da expressão adicionada no fator imagético. O fato de querer aproximar fala e escrita gera identificação e sensação de proximidade com o autor da frase, e da mesma forma que o apresentador faz uso da sentença para explicar admiração, o usuário do *WhatsApp* pode utilizar, também, como mecanismo de demonstração de surpresa.

A seguir, temos a análise do *sticker* 02:

No *sticker* 02 podemos encontrar como linguagem não verbal a imagem de um ator de um canal da plataforma digital chamada *YouTube*, plataforma que permite a publicação de vídeos curtos e longos, de diversos gêneros e estilos. O nome do rapaz da imagem é Lukas Daniel, mais conhecido como Lukas Lelé, e o nome do canal da qual ele faz parte, e é sócio, na plataforma de vídeos, é 10ocupados. Trata-se de um grupo de amigos que começou a fazer vídeos de humor para o *YouTube* no ano de 2013, e após a publicação de um vídeo de dança que eles intitularam de “Harlem Shake”, começaram a ganhar notoriedade na internet.

Figura 03: *Sticker* 02 - Estranho



Fonte: Arquivo pessoal

A linguagem verbal presente no *sticker* 02 é “que viaje é essa vei”. É uma sentença que indica uma indagação, e até mesmo confusão. Como dito anteriormente, o rapaz presente no *sticker* é um ator, e faz parte de um canal para vídeos no *YouTube*. Sendo assim, a foto e o texto adicionados foram retirados de um vídeo produzido pelo grupo “10ocupados”, e neste vídeo,

intitulado de “o aniversariante”, o ator, Lukas Daniel, interpreta o papel de alguém que está completando ano, os acontecimentos do dia. Em um determinado momento, o ator está escovando os dentes em frente à sua casa, e inesperadamente um ovo é arremessado em seu rosto, mas ele não viu quem foi ou o que aconteceu. Assim, por não compreender de onde, e por quem, o ovo foi arremessado, o aniversariante fica confuso, e para expressar o acontecido desconexo, enuncia o seguinte discurso: “que viaje é essa vei”.

Discorrendo acerca da manifestação sociolinguística oral utilizada pelo ator, baseando-se na produção escrita, encontramos a presença de duas gírias que são bastante utilizadas: *viaje* e *vei*. A primeira, “*viaje*” é o “deslocamento de um lugar para outro” (DICIONÁRIO INFORMAL, 2007); a segunda, “*vei*” de acordo com o Dicionário inFormal (2006) significa que é “referência para a pessoa com quem se conversa”, ou seja, é uma gíria que é utilizada como vocativo para chamar a pessoa com quem se está conversando. Assim, a utilização destas gírias foram fatores que potencializaram a intenção discursiva. De acordo com Câmara Jr. (2001, p. 164), “o homem é apenas metade de si mesmo; a outra metade é a sua expressão”. Acontece que a adequação linguística utilizada pelo sujeito o identifica, e gera intensidade para o que se quer dizer em um determinado contexto.

O uso de manifestação sociolinguística escrita presente no *sticker* pode ser encontrada em algumas construções, vejamos de forma mais detalhada: como pudemos compreender anteriormente, a palavra “*viaje*” é uma gíria. Acontece que a palavra, isoladamente, na forma que está escrita no gênero, segundo a gramática normativa, “*viaje*” é um verbo, ou seja, tem o significado de realizar uma viagem, ir de um lugar para outro. No entanto, como podemos observar, a forma que foi utilizada, como tentativa de aproximar de como foi dita oralmente, constrói um outro significado, e outra classificação para a palavra, pois a escrita na internet é despreocupada em contextos que suscitem menos monitoramento linguístico.

Além das observações supracitadas, podemos evidenciar que há uma mesma ocorrência do *sticker* 01 que nós analisamos, a falta do uso da vírgula para marcar o vocativo que, neste caso, é “*vei*”. Isto evidencia, referente à linguagem, que um dos aspectos desses novos gêneros digitais é a pontuação mínima (CRYSTAL 2001 *apud* MARCUSCHI, 2008).

Assim, a possibilidade de escrever sem tantas pressões sobre a noção de certo e errado gera no autor mais liberdade diante do uso da língua e gera um impacto na interação mediada através da utilização do *Sticker*.

Adiante, faremos a análise do *sticker* 03:

No *sticker* 03 encontramos a face de um homem cujo o nome é Benevenuto Santos, popularmente conhecido como Cabo Daciolo. A sua popularidade se deu no ano de 2018 por

ocasião da sua candidatura para se tornar presidente do Brasil, do quadriênio 2019, 20, 21 e 22. Sempre no ano da votação para a eleição do cargo, as emissoras promovem debates presidenciais para que os candidatos evidenciem as suas propostas. Nos vários debates que ocorreram no ano da presidência, uma ocorrência que chamou a atenção de várias pessoas foi o fato do Daciolo falar frequentemente a frase “glória a Deus”, este acontecimento se dava porque ele é pastor e esta é uma frase bastante replicada por religiosos, na intenção de exaltar o nome de Deus.

Figura 04: *Sticker* 03 – Glória



Fonte: Arquivo pessoal

A linguagem verbal presente no *sticker* 03, como é possível observar, “foge do padrão” da língua portuguesa na palavra “Deus”, pois está escrito com a letra “X”. Deduzimos que esta utilização é uma tentativa de aproximação da pronúncia do autor da sentença à manifestação sociolinguística do “s chiado”. À vista disso, Bagno (2007, p. 41) afirma que “estamos diante de um tipo de variação que não é condicionada apenas linguisticamente, mas também extralinguisticamente”, isto é, condicionada por algum fator de ordem social neste caso, a origem geográfica do falante.

Para mais, acerca da construção do sintagma, acreditamos que a utilização de várias letras “X” na palavra pode ser compreendida como uma tentativa de dar mais ênfase à variável produzida pelo Cabo Daciolo. Como esta adequação é uma ocorrência que gera percepção aos que não fazem uso dela, é compreensível que ao criar o *sticker*, o sujeito destacasse esta marca oral. A frase propriamente chama a atenção, mas a ênfase na fricativa alveopalatal desvozeada “[j]”, reproduzida na fala do Daciolo, é um fenômeno que gera identidade regional para o *sticker*, pois o leitor “tem consciência da diferença – é muito provável que procure identificar

[...] como proveniente de um estado ou de uma região diferente da sua” (BAGNO, 2007, p. 41) ou até mesmo, se for o caso, da própria região.

Dessa forma, a frase “glória a Deus” reproduzida da forma padronizada pela norma, seja na escrita ou na fala, é apenas uma frase de enaltecimento a Deus, mas esta mesma frase reproduzida com o uso da fricativa [ʃ] é a adequação linguística de um sujeito, de um grupo social, ou seja, é, como afirma Bagno (2008), um elemento de identidade cultural.

Sigamos para a análise do *sticker* 04:

Figura 05: *Sticker* 04 - Bichão



Fonte: Arquivo pessoal

A linguagem não verbal presente neste *sticker* 04 é a foto de um rapaz suspeito de um roubo em uma churrascaria. Em sua apreensão pela polícia, vários repórteres estão presentes para entrevistar o rapaz e saber a versão dele sobre a acusação de roubo. Um dos repórteres que entrevista ele está sozinho, ou seja, fazendo o papel de câmera e de repórter simultaneamente. O homem entrevista o rapaz indagando se ele realmente tinha envolvimento com o crime, e a resposta dele ao profissional é um tanto curiosa, pois ele diz “cê filma e fala? cê é o bichão mesmo hein doido?”. Trata-se, acreditamos, de uma ironia por parte do suspeito, uma tentativa de não comentar acerca das acusações.

Neste *sticker*, tratando acerca da oralidade do personagem, é possível encontrar o uso das gírias “bichão” e “doido”. Segundo o dicionário inFormal (2011) um dos significados para a primeira palavra é “um cara dono do pedaço”, ou seja, uma pessoa que, por alguma razão, é superior. Por outro lado, a segunda palavra significa “algo radical, muito bom, que mexe com adrenalina” (DICIONÁRIO INFORMAL, 2008), no caso do *sticker* seria alguém que é radical e transpassa adrenalina. Podemos compreender o emprego destas gírias como intensificadora

da fala do rapaz, pois ele dá destaque ao fato do repórter conseguir fazer duas coisas ao mesmo tempo. No entanto, vale ressaltar, que essa intensificação está sendo utilizada de forma irônica.

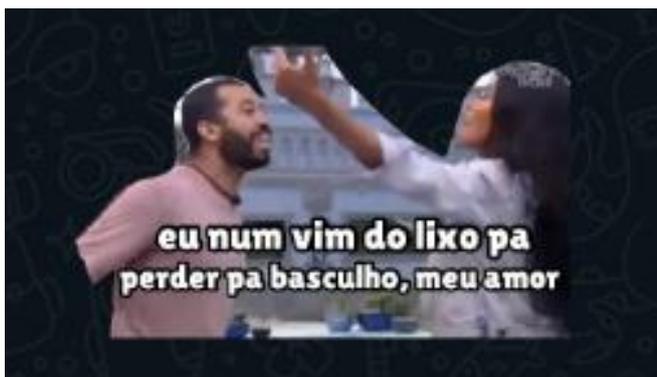
Seguindo para a análise da construção escrita, é notório que todo este discurso, ao ser lido, perpassa para o leitor a ideia de adequação. No contexto em que foi produzido esta sentença, considerando a posição em que o rapaz que está sendo entrevistado se encontra, podemos interpretar que ele é de um nível socioeconômico baixo, e este é um fator que também é importante para os estudos sociolinguísticos, pois “as pessoas provenientes de diferentes classes sociais falam dialetos bastante diferentes” (CEZARIO & VOTRE, 2011, p. 147). Assim, a manifestação sociolingüística que encontramos nesta escrita é, dentre outros motivos, de ordem econômica. E um dos fatores da utilização da escrita aproximada da fala seria uma forma de transpassar a ironia utilizada pelo rapaz.

Além disso, encontramos neste *sticker* 04 a utilização de uma manifestação sociolingüística temporal que é “cê”. Segundo a padronização lingüística institucionalizada, a escrita correta seria “você”, mas não foi transcrita dessa forma. Esta adequação pode ser compreendida a partir da própria língua falada, pois o emprego inicial deste pronome era “vossa mercê” e atualmente este termo caiu em desuso, não é mais utilizado. Na escrita deste gênero não seria diferente já que estamos estudando e trabalhando com sentenças de situações reais.

Sendo assim, fica evidente que tratando da escrita no *sticker* encontramos produções com a presença de diversas manifestações sociolingüísticas, e além disso, neste gênero, na internet como um todo, há uma pressa para gerar a comunicação fazendo com que possibilite novas práticas discursivas (SOUZA, 2001).

Por fim, procedemos a análise do *sticker* 05:

Este *sticker* 05 apresenta a face do economista Gilberto Junior, mais conhecido como Gil do Vigor, e da cantora Viviane Pereira, popularmente conhecida como Pocah. Ambos participaram de um *reality*, da rede de televisão comercial aberta TV Globo, denominado de *Big Brother* Brasil. Consiste em um programa onde vários participantes ficam isolados em uma casa cenográfica, eles não podem ter comunicação com o mundo exterior, e são vigiados por câmeras 24h por dia. O vencedor, escolhido pelo público que assiste ao programa, ganha, como prêmio final, uma quantia em dinheiro.

Figura 06: *Sticker 05 - Basculho*

Fonte: Arquivo pessoal

O *Sticker 05* também apresenta a seguinte sentença: “eu num vim do lixo pa perder pa basculho, meu amor”. Esta frase foi falada pelo Gilberto à Pocah, para adjetivar negativamente a cantora, em um momento de conflito entre os dois participantes durante o confinamento. Vale ressaltar que um dos motivos pelos quais a briga e a fala de Gilberto viralizou na internet foi o uso da gíria nordestina “basculho”, pois até a própria participante questionou o adversário de jogo sobre o significado da palavra. Sendo assim, segundo o dicionário inFormal (2009), dentre os significados, basculho pode ser entendido como “algo sem valor”.

Em “eu num vim do lixo pa perder pa basculho, meu amor” podemos encontrar algumas adequações, nas quais destacamos: primeiramente, é possível observar na palavra “num” a troca da vogal “a” pela “u”, e da vogal “o” pela consoante “m”, um processo de nasalização onde uma vogal oral se transforma em nasal. Ou seja, segundo a gramática normativa a frase tanto na forma oral quanto na escrita deveria ser “não”. Mas, não encontramos esta realidade, pois na oralidade, de acordo com Bagno (2007), Cezario & Votre (2011), Labov (2008), e tantos outros autores, a língua sofre variações. Já na escrita, estamos diante de um gênero com particularidades próprias, é natural que haja uma tentativa de reprodução da fala, pois é uma forma alternativa da utilização da escrita (XAVIER, 2005).

Para mais, também percebemos neste *sticker 05* a manifestação sociolinguística na utilização da preposição “para”. O autor do gênero, ao invés de escrever conforme o uso padrão exige, quis perpetuar uma marca que nós utilizamos na língua falada em contextos específicos, o termo “pra”.

Dessa forma, compreendemos que a manifestação sociolinguística derivada da oralidade na escrita é uma maneira de inovação, e dentro do universo da internet a, dependendo do contexto, “a transgressão notacional de palavras é geralmente vista pelos usuários da rede como manifestação de criatividade e de descontração no uso da língua” (XAVIER, 2005, p. 4).

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Analizamos nesta monografia a tentativa dos criadores, mesmo que inconscientemente, de aproximar marcas da variação linguística da oralidade, oriundos de contextos reais, nas formas escritas dos *stickers*. Nesse sentido, a execução deste trabalho possibilitou a percepção de que manifestações sociolinguísticas também aparecem no nível escrito da língua, ainda que esta modalidade de comunicação às vezes seja confundida como a forma que só dispõe das regras da gramática normativa, ou que frequentemente exista uma pressão para que os alfabetizados sigam a normatividade.

Sendo assim, pudemos reafirmar a concepção de vários estudiosos, a de que manifestações sociolinguísticas são próprias da língua, são fenômenos ininterrupto que acotecem tanto na modalidade falada, quanto na modalidade escrita. Mostramos nas análises e discussões apenas *stickers* que derivaram da oralidade, de situações reais, em vários contextos e com diferentes sujeitos, e foi possível observar, manifestações sociolinguísticas.

O *sticker*, enquanto gênero digital e ferramenta de comunicação, é mais um exemplo de que a manifestação sociolinguística não é um erro e sim um potencializador das marcas de identidade cultural de um indivíduo e de uma comunidade, pois é impossível existir homogeneidade na língua, e todo pensamento que se faça deste fato é equivocado e excludente, e pode gerar no sujeito a ideia de inferioridade, seja pela sua região geográfica, pela baixa escolaridade ou pela sua situação econômica etc.

Compreendemos, então, que os contextos situacionais são produtores de adequações linguísticas menos ou mais monitoradas, que é comum em realidades específicas as produções dos sujeitos se afastarem ou se aproximarem das regras da gramática. A partir dos *stickers* analisados foi possível observar esta realidade. Percebemos que: a) as gírias são bastante usadas em situações menos informais; b) a supressão de letras ou troca por outras acontecem na fala, e para aproximar esta realidade os criadores seguem a mesma estrutura; c) manifestações sociolinguísticas também ocorrem conforme as emoções ou intensidade que o sujeito deseja transmitir, e no *sticker* há marcas destas intenções.

Dessa forma, reiteramos o aspecto social da língua, ela não é pura, apenas estrutura, fatores externos também fazem parte dela, e é necessário a difusão desta realidade para que o preconceito linguístico seja desenraizado.

Assim, apontamos que o *sticker* seja visualizado como uma ferramenta auxiliadora para os estudos sobre língua na sala de aula. Visto que é um gênero que faz parte do dia a dia de muitos alunos, eles utilizam esta ferramenta para se comunicar pois são da era digital, práticas

pedagógicas podem ser realizadas, sugerimos que sejam a partir do procedimento conhecido como Sequência Didática por dispor de etapas que podem ser mais eficazes para o aprendizado. Acreditamos que o ensino sobre a sociolinguística a partir do uso do *sticker*, além de ser divertido, será revelador no sentido de ser usual por todos os falantes, e gerará consciência acerca da questão identitária da língua.

REFERÊNCIAS

- BAGNO, Marcos. **Nada na língua é por acaso**: por uma pedagogia da variação linguística. São Paulo: Parábola Editorial, 2007.
- _____. **Preconceito Linguístico**: o que é, como se faz? São Paulo: Loyola, 2008.
- _____; Stubbs, Michael; Gagné, Gilles. **Língua materna letramento, variação & ensino**. São Paulo: Parábola Editorial, 2002.
- BAKHTIN, Mikail. **Estética da criação verbal**. Tradução de Paulo Bezerra. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- BORTONI-RICARDO, S. M. **Educação em língua materna**: a Sociolinguística na sala de aula. São Paulo: Parábola Editorial, 2004.
- _____. **O professor pesquisador**: introdução à pesquisa qualitativa. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.
- CÂMARA JR., J. Mattoso. **Manual de expressão oral e escrita**. Petrópolis: Vozes, 2001.
- CASTRO, Pâmela Oliveira de. **A variação na fala que se reproduz na escrita**: uma pesquisa com alunos de terceiro e nono ano do ensino fundamental. 2016. Trabalho de conclusão de curso – Universidade Federal do Pampa, Bagé, 2016. Disponível em: <https://dspace.unipampa.edu.br/bitstream/riu/3258/1/TCC%20P%C3%A2mela%20Castro%202016.pdf>. Acesso em: 05 de abril de 2022.
- CEZARIO, M. M; VOTRE, S. Sociolinguística. In: MARTELLOTA, M. E. (org). **Manual de Linguística**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2011.
- COSCARELLI, C.; RIBEIRO, A. (Orgs.). **Letramento digital**: aspectos sociais e possibilidades pedagógicas. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.
- _____. **Perspectivas culturais de uso de tecnologias digitais e a educação**. *Revista Brasileira de Alfabetização* - Abalf, Belo Horizonte, v. 1, n. 8, p. 33-56, jul./dez. 2018. Disponível em: <https://revistaabalf.com.br/index.html/index.php/rabalf/article/view/293/211>. Acesso em: 22 de setembro de 2021.
- DICIONÁRIO INFORMAL. Dicionário inFormal: O dicionário onde o português é definido por você, 2006. Página inicial. Disponível em: <https://www.dicionarioinformal.com.br/>. Acesso em: 18 de março de 2022.
- FARACO, Carlos Alberto. **Norma culta brasileira**: desatando alguns nós. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.
- GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.
- GUMPERZ, John J. Entrevista com John J. Gumperz. [Entrevista concedida a] Maria das Graças Dias Pereira; Pedro M. Garcez (Org). **Palavra** 8, p. 26-35, 2002. Disponível em:

<<https://lingcult.files.wordpress.com/2015/04/palavra-8-02-2002-entrevista-john-gumperz.pdf>>. Acesso em: 05 de abril de 2022.

HILGERT, José Gaston. A construção do texto “falado” por escrito: a conversação na Internet. In: PRETI, Dino (org.) **Fala e escrita em questão**. São Paulo: Humanitas (FFLCH/USP), 2000, p. 17-55.

ILARI, Rodolfo; BASSO, Renato. **O português da gente: a língua que estudamos a língua que falamos**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2009.

KOCH, Ingedore Villaça; ELIAS, Vanda Maria. **Ler e compreender: os sentidos do texto**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2008.

_____. **A inter-ação pela linguagem**. 11. ed. São Paulo: Contexto, 2013.

LABOV, William. **Padrões Sociolinguísticos**. Tradução: Marcos Bagno, Maria Marta Scherre e Caroline Rodrigues Cardoso. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

MARCUSCHI, L. A. *Gêneros textuais: definição e funcionalidade*. In.: DIONISIO, Ângela Paiva; MACHADO, Anna Rachel; BEZERRA, Maria Auxiliadora (Org.). **Gêneros textuais & ensino**. Rio de Janeiro: Lucerna, 2010, p. 19-36.

_____. **Produção Textual, Análise de Gêneros e Compreensão**. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

_____. **Da fala para a escrita: atividades de retextualização**. 10. ed. São Paulo: Cortez, 2010.

PONTES JR., Antonio Pereira. **Variação linguística e ensino: considerações acerca da influência da oralidade na escrita**. 2014. Monografia - Universidade Estadual da Paraíba, Guarabira, Guarabira, 2014.

PRATA-LINHARES, Martha; BOTELHO, Daniele Campos. A escola está na internet e o internetês está na escola. E agora, professor?. **Tríade: Comunicação, Cultura e Mídia**, v. 9, n. 20, p. 146-165, 2021. Disponível em: <<https://repositorio.ifsc.edu.br/handle/123456789/2184>>. Acesso em: 08 de março de 2022.

RIBAS, Elisângela, et al. A influência da linguagem virtual na linguagem formal de adolescentes. **Revista Renote**, Porto Alegre, v. 5, n 2007. Disponível em: <<http://www.cinted.ufrgs.br/ciclo9/artigos/8edElisangela.pdf>>. Acesso em: 08 de março de 2022.

SILVA, André Luiz Souza Da; OLIVEIRA, Gabriel Fernandes De. **A ampliação da linguagem no ambiente digital**. Anais V CONEDU. Campina Grande: Realize Editora, 2018. Disponível em: <<https://editorarealize.com.br/artigo/visualizar/45539>>. Acesso em: 05 de abril de 2022.

SOARES, Magda. **Letramento: um tema em três gêneros**. 3. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.

SOUSA, Cíntia Maria Barbosa de. Estratégias de referência: análise dos stickers nas interações de universitários no WhatsApp. **Anais do COGITE-Colóquio sobre Gêneros & Textos**, 2020. Disponível em: <<https://revistas.ufpi.br/index.php/ancogite/article/view/11601>>. Acesso em: 30 de novembro de 2021.

SOUZA, Ricardo Augusto de. O discurso oral, o discurso escrito e o discurso eletrônico. In: PAIVA, Vera Lúcia M. de O. (Org.). **Interação e aprendizagem em ambiente virtual**. Belo Horizonte: Ed. da UFMG, 2001.

XAVIER, Antonio Carlos. Reflexões em torno da escrita nos novos gêneros digitais da internet. **Revista Investigações**, Recife, v. 18, n. 2, jul. 2005. Disponível em: <<https://periodicos.ufpe.br/revistas/INV/article/view/1484>>. Acesso em: 05 de novembro de 2021.

_____. Letramento Digital e ensino. In: SANTOS, Carmi Ferraz & MENDONÇA, Márcia. **Alfabetização e Letramento: conceitos e relações**. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.

WELTER, Kathyane Pavan; GUBERT, Antonio Luiz. **Letramento digital e a cultura do manuscrito**: um estudo com professores e estudantes do terceiro ano do ensino médio de escolas públicas de Xanxerê/SC. 2020. Artigo – Instituto Federal Santa Catarina, Santa Catarina, 2020.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente à Santíssima Trindade pelo dom da vida, pela infinita misericórdia e pelos direcionamentos diários. Nos momentos de inquietações, cansaços e desânimos, a Luz do Espírito Santo sempre me mostrou os caminhos a serem seguidos e os passos a serem dados. À Santíssima Trindade o poder, a honra, a glória e o louvor para os séculos dos séculos.

Agradeço também a intercessão e proteção da Santíssima Virgem. A sua docilidade e singeleza são, em todas as circunstâncias da minha vida, um modelo a ser seguido. Também agradeço de forma muito especial ao meu Anjo da Guarda.

Aos meus pais Maria Inez e Manoel Alves pela força e luta diária para garantir a melhor educação para mim.

Ao meu noivo, Matheus Ricardo, que esteve sempre comigo e não cansava de repetir: "no final sempre dá certo". A sua paciência e compreensão nos momentos mais difíceis me fez, mais uma vez, ter a certeza de que é com você que quero me tornar uma só carne e um só espírito, e é ao seu lado que quero caminhar, até chegar ao céu.

Agradeço imensamente à professora Luana por prontamente aceitar ser orientadora deste trabalho, e pelo comprometimento em todos estes meses de produção. O seu aceite, companheirismo e empenho foram essenciais para a materialização desta escrita. Não me deixou desamparada em nenhum momento, mesmo com tantas adversidades ao longo do caminho.

Agradeço às minhas irmãs Janaina, Michelle, Elizania e Débora pelos momentos de descontração. Muitas vezes as nossas conversas foram um alívio para mim. Ressalto a frase de incentivo utilizada por Débora: "reage, mulher, bota um *cropped*". Também agradeço a minha avó, Maria Sebastiana, pela preocupação e acolhimento.

Com o coração cheio de amor, agradeço ao Grupo de Oração Rainha da Paz por zelar pela minha vida através da oração. Sem dúvidas, as conversas que vocês tiveram com Deus, sobre mim, foram ouvidas.

Agradeço aos meus amigos da UEPB Thalysson, Eduarda, Prislaine, Analine e Paulo pelos conselhos e por tantos momentos incríveis que nós vivenciamos. O fardo da vida universitária foi aliviado pela amizade de vocês. Vocês são um presente que eu vou guardar para sempre. Muito obrigada por tudo.

Por último, agradeço a todos aqueles que ajudaram de forma direta ou indireta na realização deste trabalho.